

Os tetos de caixotões em conventos franciscanos no Nordeste brasileiro

Rafael Ferreira Costa

Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

rafael.fe.costa@gmail.com

Ana Cristina Sousa

Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP)

accsousa@letras.up.pt

Fábio Vergara Cerqueira

Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

fabiovergara@uol.com.br

Resumo: Este trabalho busca apresentar resultados obtidos em pesquisas relacionadas aos tetos em caixotões dos conventos da Ordem dos Frades Menores de São Francisco, na região Nordeste do Brasil. Tal investigação tem por objetivo observar a realidade local e contribuir com o tema, ainda pouco estudado pela historiografia brasileira. A abordagem adotada passa pela revisão da literatura relacionada com essas estruturas, desde a Antiguidade até a Época Moderna, e sua aplicação em edificações religiosas coloniais. O momento seguinte será direcionado a contextualização da presença franciscana no Nordeste, sua fundação em Olinda e o esclarecimento de quais são os treze conventos distribuídos ao longo do litoral nordestino. A última etapa será dedicada aos exemplares encontrados nos referidos edifícios, catalogando-os e destacando as principais características que os constituem, como a sua localização nos espaços de cada conjunto arquitetônico, as suas formatações e distribuições na superfície da cobertura, e finalizando com as temáticas abordadas.

Palavras-chave: Tetos em caixotões, Conventos Franciscanos, Brasil Colonial, Nordeste.

Introdução

Teto em caixotões se constitui numa tipologia de superfície interna das coberturas de um espaço, cuja linguagem plástica é formulada através de programas de traves, emolduramentos e painéis que revestem os tetos e formam padrões geométricos, denominados caixotões. Tal linguagem tem sua origem incerta pelas dificuldades documentais, sendo apenas possível reconhecer que fez parte das técnicas construtivas desde a Antiguidade e identificado em diversas culturas pelo mundo. Em virtude de ser um tema já escasso no contexto mundial, tão pouco seria no âmbito brasileiro, e a situação se agrava ainda mais quando nos delimitamos num micro-universo construtivo. O tema dos tetos em caixotões ainda é um universo amplo e pouco explorado, o que significa a limitação investigativa e metodológica baseada em estudos pregressos. Assim como outros objetos de estudo, o levantamento e a catalogação são essenciais para dar conta do assunto e organizar os percursos de transferência de informações e reprodução de modelos prévios até alcançar a gênese dessa tipologia de tetos, mas tamanho esforço exigiria um trabalho hercúleo. O presente trabalho busca, através de um ponto de vista micro, suprir lacunas historiográficas relacionadas com o estudo dos tetos em caixotões e demonstrar o modo como esta tipologia ornamental foi implementada nos treze conventos da Ordem dos Frades Menores de São Francisco, na antiga Província de Santo Antônio do Brasil.

O objeto de estudo deste trabalho faz parte dos estudos iconográficos e iconológicos sobre os tetos dos referidos conventos, desenvolvidos ao longo do doutoramento, e que tem como objetivo identificar os aspectos técnicos, funcionais, plásticos e simbólicos que os envolvem. Durante a pesquisa, foram levantados 33 tetos em caixotão que se distribuem em formatações, técnicas e temáticas. Para este artigo, partiremos da reflexão sobre o que constitui um teto em caixotões, retornando aos vestígios de sua gênese e refletindo quanto aos seus elementos distintivos em relação à outras tipologias de tetos. O passo seguinte é entender as suas principais características técnicas e estéticas, seja pelos formatos e pelos materiais, para então refletir sobre as modalidades pictóricas e suas composições e suas narrativas. Tendo sido feita a devida ambientação, a segunda fase é aplicar os conceitos previamente estabelecidos no contexto franciscano no Nordeste.

Por questões metodológicas, temos como ponto de partida os estudos de Ana Rita Gonçalves, cuja tese de doutoramento trata das pinturas presentes nos tetos em caixotões de edifícios encontrados no Norte de Portugal e datados entre os séculos XVII e XVIII¹. A metodologia adotada pela autora pode ser adaptada ao caso nordestino aqui em estudo. Outro aspecto é o seu primeiro capítulo, onde elaborou um enquadramento histórico, rastreando os vestígios dos antecedentes dos tetos em caixotões. Logo no início de sua obra, Ana Rita Gonçalves já deixa claro que sua origem está ambientada na Antiguidade, sendo utilizada em edifícios de diversas regiões mediterrânicas com intuítos funcionais, mas também estéticos:

Os templos gregos expressam a utilização do caixotão como sendo um cânone, repetido no interior dos tectos, que permite criar um certo ritmo na arquitectura. Os caixotões, além de formarem filamentos contínuos, criavam simetrias entre o cruzamento das molduras que os compõem. A sobreposição das molduras, côncavas ou convexas, provoca um efeito estético particular que, além de salientar a profundidade do tecto, realça

¹ GONÇALVES, Ana Rita Duarte Carqueja Rodrigues. **As pinturas de tectos em caixotões no Norte de Portugal dos séculos XVII e XVIII**. Estudo técnico, material e de conservação. Porto: Universidade Católica Portuguesa, 2015.

a repetição do caixotão. *Phatnomata* (φάτνωμα) significa, em grego, tectos arqueados ou abobadados; em latim, designam-se *tecta laqueata* ou *lacunaria*².

No terceiro capítulo do livro 6 da obra “*De architectura*” (I a.C.), o arquiteto romano Vitruvius fez referência ao termo “lacunário” (*Lacunaria* ou *Lacunarium*) ao tipificar as salas coríntias e egípcias³. Nesse trecho entende os lacunários como parte da sua composição estrutural que ultrapassa o aspecto funcional e alcança o ornamental. Seu texto compilou, em dez capítulos, os principais métodos construtivos e a orientação de como realiza-los, sendo a única obra que nos chegou sobre o tema no Período Antigo pela sua qualidade e estado de preservação da documentação. O arquiteto reflete como os sistemas construtivos, incluso as coberturas, surgem das necessidades humanas e a competitividade contribuiu para o seu aperfeiçoamento. Tamanha versatilidade adquiriu gradual relevância no pensar o desenho arquitetônico, ao ponto que, nos séculos XV e XVI, tratadistas como Leon Battista Alberti (1404-1472), Sebastiano Serlio (1475-1554) e Andrea Palladio (1508-1580), entre muitos outros, aplicaram-nos aos seus projetos, e isso incluiu os tetos em caixotões.

O interesse pela Antiguidade foi tão latente na cultura europeia que inspirou diversos artistas e artífices na produção de obras de arte. Desde o Renascimento vemos emergir edifícios com fachadas e plantas reinterpretando os modelos e formas das ruínas greco-romanas, e com os tetos não foi diferente. Adaptados aos exemplos planos, côncavos ou cupulares, as superfícies foram distribuídas em traves e recuos ou avanços nos espaços vazios que os intercalam. Se Leon Battista Alberti “estabeleceu o que considerou serem os princípios construtivos da architectura”⁴ foi com base na obra de Vitruvius, tornando-se grande divulgador de seu predecessor. Quanto a Sebastiano Serlio e Andrea Palladio, encontramos também seus desenhos nos respectivos tratados “*Tutte l’Opere d’Architettura et Prospetiva*” (1619) e “*Dieci libri dell’architettura*” (1556), onde observamos a complexidade dada aos caixotões, que assumem não apenas a forma habitual de traves quadradas e retangulares do teto, como também adquirem delineamentos triangulares, losangulares, hexagonais, octogonais e mesmo poligonais regulares e irregulares (Figura 1). Destacamos que Sebastiano Serlio reconhece, em sua obra, as diversas terminologias utilizadas nas cidades italianas para se referir aos tetos em caixotões, como: *lacunarii*, *palchi*, *tasselli*, *travementi* ou *soffitadi*⁵.

² GONÇALVES, Ana Rita Duarte Carqueja Rodrigues. **As pinturas de tectos em caixotões no Norte de Portugal dos séculos XVII e XVIII**. Estudo técnico, material e de conservação. Porto: Universidade Católica Portuguesa, 2015, p. 30.

³ VITRÚVIO, Marco. **Tratado de arquitetura**. MACIEL, Manuel Justino (Tradução, introdução e notas). São Paulo: Martins, 2007, p. 307-308.

⁴ NOGUEIRA, Isabel in ALBERTI, Leon Battista. **Da Pintura, seguido de Da Escultura**. Introdução Isabel Nogueira; Tradução José Serra. Silveira: Bookbuilders, 2017, p. 11.

⁵ SERLIO, Sebastiano. **Tutte l’Opere d’Architettura, et Prospetiva**. Veneza: Giacomo de’Franceschi, 1619, p. 192r.

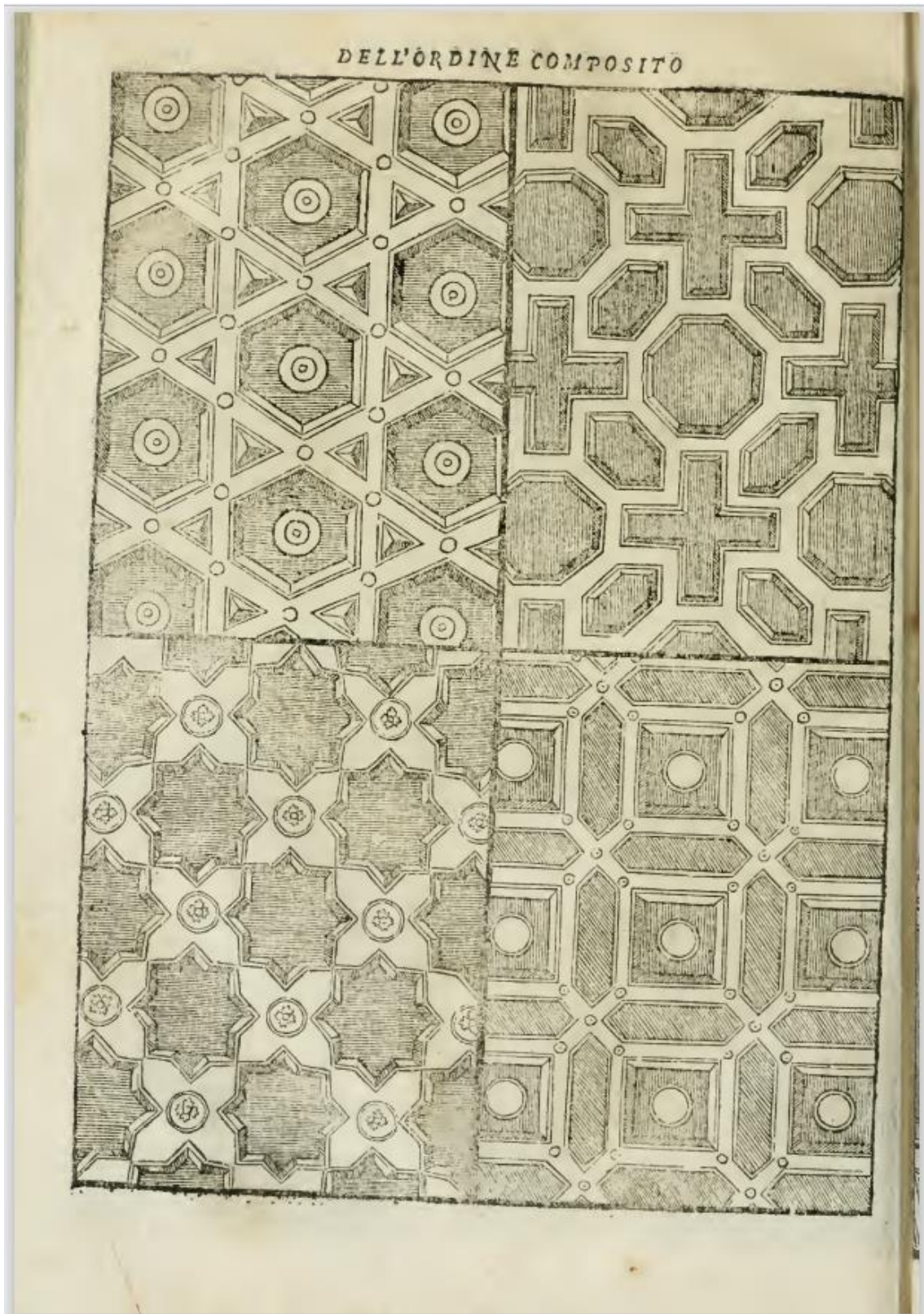


Figura 1 – Modelo elaborado por Sebastiano Serlio de quatro tipos de possibilidade de tetos em caixotões, contendo um de hexágonos e triângulos; um de octógonos, hexágonos e cruz; um de estrela e círculos e um de quadrados com hexágonos. SERLIO, Sebastiano. *Tutte l'Opere d'Architettura, et Prospectiva*. Venezia: Giacomo de'Franceschi, 1619 p. 194r.

No contexto Ultramarino, o Concílio de Trento (1545-1563) não apenas causou impacto na cultura sócio-religiosa e revisou pontos essenciais na teologia Católica, como também afetou o planejamento e execução de obras artísticas de caráter sacro. O bispo de Milão, São Carlos Borromeu (1538-1584), teve papel essencial na regulamentação dos trabalhos construtivos realizados pela Igreja ao escrever o “*Instructionum Fabricae et Supellectilis libri duo*” ou “*De Fabrica Ecclesiae*” (1577). No texto em questão, o bispo desenvolveu orientações para adequar arquitetura aos valores cristãos tridentinos em trinta e sete capítulos, sendo o quinto intitulado “O teto”, onde aborda as necessidades de se garantir a segurança e a firmeza das coberturas dos edifícios, evitando-se a umidade, o apodrecimento e o desgaste. Quanto aos aspectos de natureza plástica, ao destacar que “qualquer que seja a forma do teto, o arquiteto deve escolher a mais adequada para o edifício: ou inclinado, ou abobadado, ou artesoado”⁶. Na tradução de Gabriel dos Santos Frade (2016), o termo “*laqueati*” é traduzido como “artesoado”, que por sua vez é um sinônimo para caixotões, cuja definição seria entendida como “painéis delimitados por molduras salientes à maneira de vigas articuladas”⁷. Outro sinônimo é o “apainelado”, que estaria diretamente associado com os painéis que se formam nos espaços entre traves do teto. Como Francisco de Assis Rodrigues esclarece em seu dicionário técnico, o termo seria um

vocabulo que nos tempos remotos se applicava particularmente aos tectos dos palácios e casas que eram feitos ou divididos em fórma de paineis, ornados de esculpturas e pinturas com molduras douradas. Modernamente tem este termo significação mais extensa, porque se applica tambem ás paredes das salas, que são apaineladas com molduras, e podem sê-lo com pedras, mármore, madeiras e estuques. <<José de Avelar Rebello fez os setenta e dois grandes paineis da vida de Jesus Christo, que apainelavam todo o tecto dos Martyres.>> Cyrillo, *Coll. de mem.*, p. 76⁸.

Sejam chamados de lacunários, de tetos artesoados, apainelados ou em caixotões, o que torna essa tipologia de forro emblemática é o seu potencial plástico nos espaços internos de um edifício, criando dinamismo, ritmo, orientação da visão e enriquecendo-a com representações sagradas e profanas, formas orgânicas e geométricas, alegorias, simbologias, cenas históricas ou do cotidiano; adaptadas aos diferentes contextos e locais, sejam civis ou religiosos, militares ou residenciais; em naves, capelas, sacristias, corredores, quartos e varandas, salas de convívio ou bibliotecas. No contexto da Ordem dos Frades Menores no Brasil, foi dada esta profusão de formas e valores simbólicos, sendo aplicados em quase todos os conventos encontrados no Nordeste. Resta-nos abordá-los, mas antes se faz necessário ambientá-los numa contextualização histórica franciscana no Brasil Colonial.

⁶ FRADE, Gabriel dos Santos. **Entre Renascimento e Barroco: os Fundamentos da Arquitetura Religiosa e a Contrarreforma - o *De Fabrica Ecclesiae* de Carlos Borromeu.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2016, p. 159.

⁷ FRADE, Gabriel dos Santos. **Entre Renascimento e Barroco: os Fundamentos da Arquitetura Religiosa e a Contrarreforma - o *De Fabrica Ecclesiae* de Carlos Borromeu.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2016, 554p. Tese em Arquitetura e Urbanismo. p. 159.

⁸ RODRIGUES, Francisco de Assis. **Diccionario Technico e Historico de Pintura, Escultura, Architectura e Gravura.** Lisboa: Imprensa Nacional, 1875, p. 43-44.

Os conventos nordestinos

A Ordem dos Frades Menores de São Francisco deu início ao seu trabalho missionário no Brasil desde 1500, quando o bispo frei Henrique de Coimbra realizou a primeira missa, formalizando o domínio português das novas terras além-mar. Apesar das constantes viagens de frades franciscanos à colônia, relatadas nas crônicas da Ordem, apenas em 1585 foi fundado o primeiro convento, na vila de Olinda. Fundada em 1535 por Duarte Coelho, a capital da Capitania de Pernambuco tornou-se uma das mais ricas e prósperas em decorrência da produção açucareira, ou seja, um ambiente favorável a recepção de ordens religiosas completamente dependentes da mendicância e de seus benfeitores. Outro fator que estimulou a implantação da Ordem no litoral brasileiro foi a necessidade de intervir no processo de catequese dos nativos e a mediação com a população portuguesa instalada no território. Os Frades Menores logo se adaptaram a vida local, tornando-se tão populares ao ponto de lhes serem oferecidas terras para a fundação de mais doze conventos ao longo da faixa litorânea nordestina – além dos outros treze conventos fundados na região Sudeste e que hoje correspondem à gestão da Província da Imaculada Conceição do Rio de Janeiro. Com a ereção do Convento de São Francisco de Olinda, pelo custódio frei Melchior de Santa Catarina, deu-se início a Custódia de Santo Antônio do Brasil, autorizada em 1585 pelo papa franciscano Sisto V. Em 1657, o papa Alexandre VII lançou o Breve que elevou a Custódia à categoria de Província, tornando-a independente da Província de Santo Antônio de Portugal. Com a separação dos domínios franciscanos no Brasil entre as Províncias de Santo Antônio (Nordeste) e da Imaculada Conceição (Sudeste), a primeira ficou responsável por gerir os seguintes conventos:

	Convento	Cidade atual	Estado	Fundação
01º	Convento de São Francisco ⁹	Olinda	Pernambuco	1585
02º	Convento de São Francisco	Salvador	Bahia	1587
03º	Convento de Santo Antônio	Igarassu	Pernambuco	1589
04º	Convento de Santo Antônio	João Pessoa ¹⁰	Paraíba	1590
05º	Convento de Santo Antônio	Recife	Pernambuco	1606
06º	Convento de Santo Antônio	Ipojuca	Pernambuco	1608
07º	Convento de Santo Antônio	São Francisco do Conde ¹¹	Bahia	1619
08º	Convento de Santo Antônio	Sirinhaém	Pernambuco	1630
09º	Convento de Santo Antônio	São Francisco de Paraguaçu ¹²	Bahia	1649
10º	Convento de Santo Antônio	Cairu	Bahia	1650
11º	Convento do Bom Jesus	São Cristóvão ¹³	Sergipe	1658

⁹ Também referido nas documentações coloniais como Convento de Nossa Senhora das Neves.

¹⁰ Antiga Vila de Filipeia de Nossa Senhora das Neves, e, posterior Cidade da Parahyba.

¹¹ Antiga Vila de Sergipe do Conde.

¹² Faz parte do atual município de Cachoeira, na Bahia.

¹³ Antiga Vila de Sergipe Del' Rey.

12º	Convento de Nossa Senhora dos Anjos da Porciúncula	Penedo	Alagoas	1660
13º	Convento de Santa Maria Madalena	Marechal Deodoro ¹⁴	Alagoas	1660

Tabela 1 – Conventos franciscanos da Província de Santo Antônio do Brasil. CONCEIÇÃO, Apolinário da. **Claustro Franciscano, erecto no dominio da Coroa Portugueza, e estabelecido sobre dezeseis Venerabilissimas Columnas**. Lisboa: Oficina de António Isidoro da Fonseca, 1740, p. 75-79.

Deixemos aqui destacado que esses conventos sofreram intervenções e destruições ao longo do Período Colonial, sendo a fase de dominação holandesa no litoral nordestino o ponto de maior devastação para edifícios como o de Olinda, cujo resultado do incêndio foi a preservação de um único espaço (a Sala do Capítulo). Entre os séculos XVII e XVIII, o ritmo de construção, reconstrução e restauro dos conventos representou um momento próspero às obras de arte, que foram aplicadas aos mais diferentes espaços, com pintura, imaginária, escultura, azulejaria, marcenaria, mobiliário, ourivesaria, talha, das quais aqui se destacam os tetos.

Os tetos em caixotões dos conventos franciscanos do Nordeste

Os tetos em caixotões encontrados nas visitas aos conventos franciscanos nordestinos revelaram a amplitude de linguagens plásticas e temáticas, aplicadas a diversos espaços no interior dos treze edifícios. Logo de início identificamos que, entre os 33 exemplares, existem seis em naves (sejam elas de igrejas ou de capelas das Ordens Primeira e Terceira), cinco estão presentes em capelas-mor, outras cinco nos nártex ou abaixo de coros¹⁵ e mais cinco em corredores; tanto nas sacristias, quanto nas Salas do Capítulo e em outras salas foram identificados três tetos em caixotões, respectivamente; por fim, apenas um desses forros foi reconhecido numa portaria, numa escadaria e numa biblioteca. Tais dados nos permitem refletir sobre a versatilidade do uso dessa tipologia de teto e a adaptação, tanto de ambientes voltados para o cerimonial quanto para a vida cotidiana dos frades franciscanos. Ao observar essa listagem é possível constatar que a maioria dos exemplares são direcionados à Liturgia, sendo as naves, espaços voltados à recepção dos fiéis em comunidade na celebração eucarística, os locais de maior interesse pelo seu uso. Resta compreender os temas e como eles contribuem para o entendimento das representações enquanto comunicação através da linguagem visual.

Acerca das temáticas, Ana Rita Gonçalves desenvolveu uma classificação dos tetos em caixotões portugueses em “decorativos” e “figurativos”, sendo o segundo subdividido em outras quatro simbologias: “figuras sacras”, “motivos simbólicos e alegóricos”, “ciclos historiados” e “motivos profanos”. O primeiro agrupamento é assimilado pelo brutesco¹⁶, voltado para os vegetalismos e as representações zoomórficas, antropomórficas e mitológicas. Quanto ao segundo grupo, temos cenas com sentido iconográfico, simbólico, alegórico, sagrado ou profano através de representações figurativas. As **figuras sacras** são os retratos de meio ou corpo inteiro dos Santos e Santas da Igreja, enquanto os **ciclos historiados** são direcionados às cenas e episódios cristãos. Os **motivos simbólicos e**

¹⁴ Antiga Vila de Alagoa do Sul.

¹⁵ Agrupamos os nártex com os espaços abaixo do coro pela sua similaridade funcional que antecede a nave da igreja.

¹⁶ GONÇALVES, Ana Rita Duarte Carqueja Rodrigues. **As pinturas de tectos em caixotões no Norte de Portugal dos séculos XVII e XVIII**. Estudo técnico, material e de conservação. Porto: Universidade Católica Portuguesa, 2015, p. 119.

alegóricos dão sentido e materializam certos conceitos abstratos e intangíveis, como emoções, valores e marcas da santidade. Quanto aos **motivos profanos**, a autora entende como os usos e aplicações de referências do cotidiano, do paganismo e do mundo não cristão. Tomando essa classificação como base, traçamos um paralelo com a realidade local e podemos refletir sobre alguns pontos em questão. No que tange ao universo decorativo, importa relevar o complexo uso do reino vegetal, de forte carga simbólica. Mais do que tudo, os frutos e as flores representados nas naturezas-mortas, são metáforas de virtudes ou outros atributos. Associar elementos botânicos, zoológicos e materiais (objetos como vasos, talheres, taças e copos, pratos e bandejas etc.) aos valores cristãos é algo frequente em todos os campos artísticos visuais e mesmo textuais. Destaquemos a obra de frei Antônio do Rosário (1702), intitulada “Frutas do Brasil numa nova, e ascética Monarchia consagrada á Santissima Senhora do Rosario”. No texto, o frade franciscano converte em parábolas as plantas autóctones com as similaridades de membros da sociedade luso-brasileira de sua época, como o abacaxi/ananás (*Ananas comosus*) aos reis, os oitis-coró (*Couepia rufa*) e os pequiás (*Caryocar villosum*) aos Franciscanos, e os umbus (*Spondias tuberosa*) aos pastores e párocos¹⁷.

Da mesma maneira, frutos, flores e animais, ou mesmo objetos, tem o potencial simbólico necessário para considerarmos redutivo entendê-los como ornamentos esvaziados de valores, referências, memórias, espiritualidades e culturas, apenas não conseguimos alcançá-los. Ainda mais no contexto brasileiro, onde foram adaptados e/ou agregado às representações simbólicas tradicionalmente utilizadas na Europa. No caso dos tetos em caixotões dos conventos aqui estudados, identificamos em oito exemplares a presença de girassóis, rosas, cravos, tulipas, jasmims; abacaxis, cajus, peras, maçãs, uvas, bananas, melões e melancias; um papagaio e alguns objetos, como vasos e pratos, além de um cantil. Ou seja, há uma biodiversidade fazendo parte dessa composição simbólica nos tetos. Esses motivos reforçam a leitura simbólica dos temas narrativos, nomeadamente os cristológicos, marianos e hagiográficos. Tal combinação temática pode ser encontrada em alguns tetos aqui estudados, como a sacristia e a “Sala dos Filósofos” do Convento de Olinda, que possui naturezas-mortas intercaladas com hagiografias franciscanas e filósofos da Ordem, respectivamente. Outra modalidade foi aplicada ao teto da capela-mor do Convento de Marechal Deodoro, onde elementos vegetalista envolvem símbolos cristológicos (cruz, palma, *Agnus Dei*, coroa de espinhos), marianos (rosa, lua, sol, cipreste) e franciscanos (estigmas, cordão, braços de Cristo e São Francisco cruzados).

¹⁷ ROSÁRIO, Antônio do. **Frutas do Brasil numa nova, e ascética Monarchia consagrada á Santissima Senhora do Rosario**. 1702, p. 110.



Figura 2 – Pormenor do teto em caixotões representando a coroa de espinhos de Cristo encontrado na capela-mor do Convento de Santa Maria Madalena de Marechal Deodoro (Alagoas). Elaborado pelo autor.

Quanto aos temas figurativos, com o surgimento dos movimentos reformistas e o crescente impacto crítico sobre o uso das representações de figuras sacras nos espaços religiosos e civis, a resposta dada pela Igreja foi de revisão e reafirmação dos valores e parâmetros de uso dessas imagens. Como destaca Ana Rita Gonçalves:

É de extrema importância referir também a ação exercida pelas ordens monásticas na produção e difusão da iconografia da Contra-Reforma, orientando os artistas e exigindo-lhes obras integradas na temática propagada após o Concílio de Trento. As decisões resultantes do Concílio de Trento vão ter total aceitação por parte de D. Sebastião tendo influenciado os temas da arte portuguesa¹⁸.

Tal como nos edifícios religiosos portugueses, também nos do território brasileiro as imagens constituíram uma força político-religiosa. Num período marcado pelos conflitos com índios, franceses e holandeses, os santos se converteram em arautos da luta contra os infiéis e os hereges, enquanto defendiam a causa lusa. O exemplo mais emblemático é São Francisco, enquanto patriarca e porta-voz de sua espiritualidade, e Santo Antônio, enaltecido como santo português e bravo guerreiro, por ter defendido o território de seus compatriotas dos ataques holandeses no litoral nordestino¹⁹ – região demarcada pela Província que recebe o seu nome. O resultado é o volumoso quantitativo de pinturas de retratos e hagiografias sobre os dois santos. Outras representações identificadas são referentes aos temas cristológicos, marianos, bíblicos e mesmo figuras não canonizadas (eclesiásticos, filósofos e teólogos), mas que contribuem para a memória e a demarcação devocional, espiritual e sociocultural dos franciscanos e seus fiéis. Retomando a classificação em quatro tipologias dentro do figurativismo nos tetos em caixotões, é possível enquadrar em 13 figuras sacras, 12 ciclos historiados e 08 motivos simbólicos e alegóricos. Os motivos profanos não foram localizados em nenhum dos exemplares, enquanto outros seis tetos apainelados ficaram ausentes de representações, seja em pintura ou talha, estando apenas as molduras.

Diante da complexidade compositiva de alguns dos tetos aqui estudados, se torna necessário enfatizar certos pontos referentes à disposição dos temas ao longo da superfície. Dos 33 exemplares, apenas um foi organizado numa morfologia trapezoidal, a cúpula da capela-mor do Convento do Recife, ajustando-se a formatação circular da estrutura. Tal obra foi realizada em azulejaria, sendo o único modelo nessa técnica, emoldurada com elementos vegetalistas e 24 caixotões preenchidos com padrões florais no interior – esse padrão é muito similar ao encontrado na cúpula da capela-mor da Igreja de Nossa Senhora do Pilar do Recife.

¹⁸ GONÇALVES, Ana Rita Duarte Carqueja Rodrigues. **As pinturas de tectos em caixotões no Norte de Portugal dos séculos XVII e XVIII**. Estudo técnico, material e de conservação. Porto: Universidade Católica Portuguesa, 2015, p. 126.

¹⁹ SANTOS, Rafael Brondani dos. **Martelo dos hereges: militarização e politização de Santo Antônio no Brasil Colonial**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2006, p. 77.

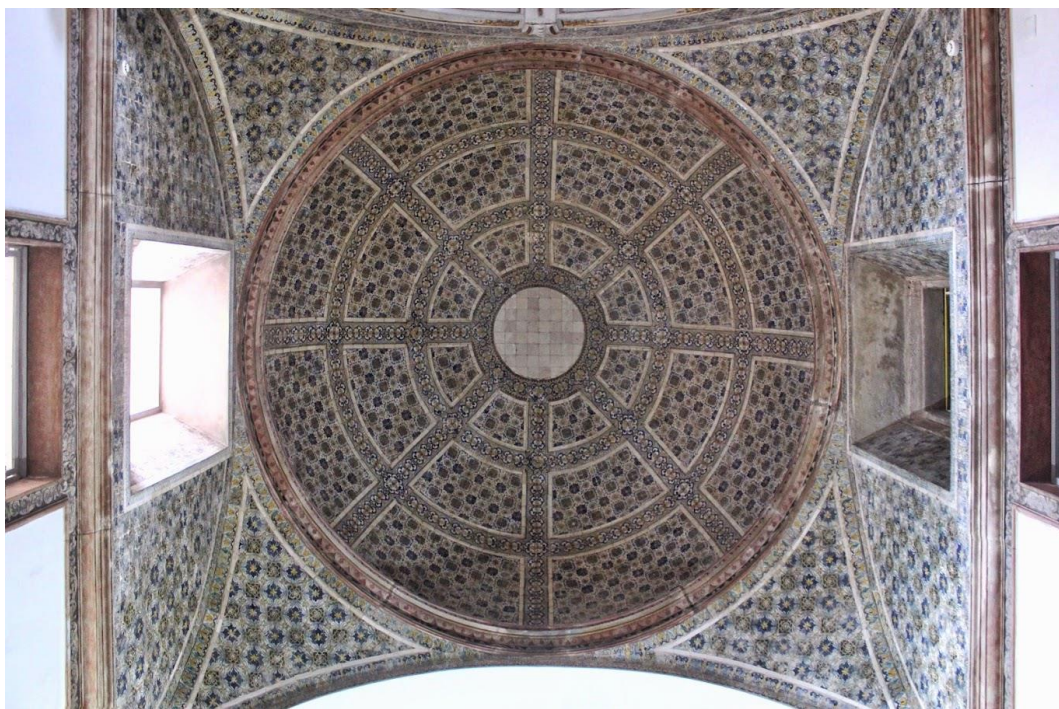


Figura 3 – Cúpula recoberta com azulejos do Convento do Recife e seu pormenor. Elaborado pelo autor.

Os demais tetos são organizados em malhas de caixotões quadrangulares ou retangulares e outros em malha mista, ou seja, possuem duas ou mais formas geométricas associadas. Ao todo, temos 14 exemplares do primeiro e outros 18 do segundo.

Acerca dos padrões quadrangulares, encontramos a praticidade na descrição pela clara distribuição dos quadrados e retângulos, segundo a estrutura de linhas e colunas. Cabe aos temas delinear o percurso narrativo. Nos casos do Convento de João Pessoa (capela-mor), da Ordem Terceira do Convento de Salvador (Ante-sala) e da Ordem Terceira do Convento de Olinda (capela-mor), temos a clareza dos temas adotados: os dois primeiros com figuras sacras e o último com hagiografias de Santo Antônio. A semelhança da cúpula revestida de azulejos do Convento do Recife, acima referido, este ainda tem a particularidade de ser um teto apainelado cujos caixotões são executados com “pintura fingida” e não em marcenaria. Ou seja, o forro de abóbada de berço da capela foi recoberto com tábuas retas de madeira e, na sua superfície, os caixotões foram elaborados através de tinta, tornando-o algo próximo de um “falso caixotão” – muito similar ao que acontece nas técnicas de quadratura, onde, através da perspectiva, engana-se o olhar para causar a impressão da existência de falsas arquiteturas. Quanto à sua temática, o aspecto hagiográfico permite elaborar uma construção narrativa onde são abordados os milagres de Santo Antônio.

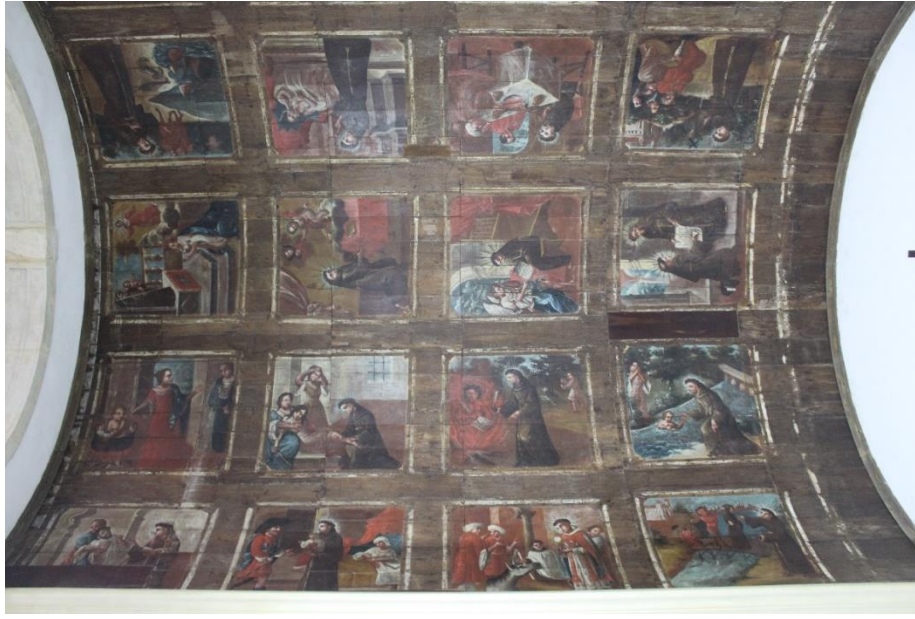


Figura 4 – Capela-mor do Convento de Santo Antônio de João Pessoa (Paraíba). Elaborado pelo autor.

Dos modelos mistos encontramos associações de polígonos regulares (circular, triangular, losangular, trapezoidal, pentagonal, hexagonal, octogonal) e de polígonos irregulares (formato de cruz, de T, de estrela de oito pontas e associações entre formas circulares com retas). Em casos onde a forma geométrica é ou possui linhas circulares ou arredondadas, os demais caixotões receberam uma ou mais arestas adaptadas as curvaturas. Como o caso do teto da capela-mor do Convento de Salvador, onde foi realizado um complexo trabalho geométrico, quase um estudo técnico, conjugando-os numa estrutura abobadada. Os caixotões são preenchidos com entalhes dourados de elementos vegetalistas, um dos poucos esquemas que associa talha dentro dos caixotões, pois, em geral, estão presentes nos emolduramentos e nas travessas. Os outros exemplos são do teto da nave das igrejas dos Conventos de Olinda e Salvador – o edifício soteropolitano ainda possui talhas em alguns caixotões da sacristia e da Sala do Capítulo, e, na Ordem Terceira, encontramos na Sala da Mesa.



Figura 5 – Capela-mor do Convento de São Francisco de Salvador (Bahia). Elaborado pelo autor.

Referente aos demais tetos e suas correlações tanto de formato dos caixotões, quanto de seus temas, podemos apontar complexas lógicas compositivas, que acompanha tendências como a

representação do Orago no programa iconográfico fortalece a devoção ao protetor da freguesia, usualmente representado num espaço central, com os restantes Santos à sua volta. Nas pinturas em caixotões, o padroeiro encontra-se na coluna central²⁰.

A exaltação cristológica no eixo central dos tetos é pouco observada nos conventos nordestinos, sendo identificada apenas na portaria do Convento do Recife, através do caixotão em formato de estrela de oito pontas apresentando a pintura da cruz com tecido branco envolvendo-a. Em contraposição, os temas marianos foram amplamente utilizados, onde se destaca a devoção à Virgem enquanto Imaculada Conceição: nos tetos abaixo do coro do Convento de Igarassu e do Recife, nas escadarias da Ordem Terceira do Convento de Salvador, na Sala do Capítulo do Convento de Cairu, na sacristia do Convento de Olinda e na capela da Ordem Terceira deste mesmo edifício. Um caso peculiar é o exemplar abaixo do coro do Convento de Igarassu, onde a Imaculada Conceição foi colocada também como Nossa Senhora da Misericórdia, ou das Mercês, que protege os frades franciscanos com seu manto. Para o exemplar do teto da nave da igreja do Convento de Salvador, ressaltamos a riqueza na conjugação de temas marianos entre cenas da Virgem, anjos portando atributos alegóricos e os elementos vegetalistas em talha dourada anteriormente referidos.

No que tange ao destaque do eixo central, ainda podemos apontar a utilização de um motivo simbólico e alegórico no Convento de Igarassu: o símbolo da Ordem dos Frades Menores num caixotão em formato de estrela de oito pontas (os braços de Cristo e de São Francisco cruzados e pregados numa cruz, enquanto abaixo são destacados os cinco estigmas de Jesus entregues ao Santo no Monte Alverne, enquanto são rodeados pelo cordão franciscano e anjos).



Figura 6 – Pormenor do teto da galilé do Convento de Santo Antônio de Igarassu (Pernambuco).
Elaborado pelo autor.

²⁰ COELHO, Sara Almeida. *Gloria in Excelsis Deo: os tetos com pinturas de Santos em caixotões do século XVIII, nas igrejas paroquiais da Diocese de Viseu*. Porto: Universidade do Porto, 2021, 125p. Relatório de Estágio em História da Arte, Património e Cultura Visual, p. 89.

Na figura acima, ainda podemos ressaltar a congregação de temas e motivos diversos. Na configuração do referido teto da galilé do Convento de Igarassu, foram aplicadas representações de santos e beatos da Ordem exaltada no brasão em meio corpo ou corpo inteiro, como São Bernardino de Feltro, São João de Capistrano, São Francisco Solano, São Pedro de Alcantra e outros oito Frades Menores. Ou seja, o referido teto exemplifica o enaltecimento à própria Ordem e a memória de seu legado para todos aqueles que adentrarem naquele recinto. Tal composição exemplifica muitos dos exemplares encontrados nos conventos franciscanos do Nordeste, onde os tetos em caixotões, enquanto expressões artísticas, contribuem para a complexa estruturação do discurso em favor das vivências dos Frades Menores no Brasil Colonial.

Considerações finais

O tema dos tetos em caixotões ainda é um campo carente de investigações historiográficas, o que resulta no nosso interesse em contribuir para tal estudo através dos exemplares encontrados nos conventos franciscanos localizados no Nordeste brasileiro. Os edifícios, construídos ao longo do Período Colonial (séculos XVI a XVIII), reúnem diversas obras de arte ainda pouco abordadas pela História da Arte, inclusive suas coberturas e forros. Neste artigo, iniciamos esse assunto pela conceituação e caracterização dos tetos em caixotões, confirmando sua origem na Antiguidade e sua popularização em Época Moderna. Em função da colonização, essas técnicas construtivas acompanharam os traslados além-mar e se popularizaram nos conventos franciscanos aqui abordados. Após contextualizar a presença da Ordem dos Frades Menores no litoral brasileiro e as fundações de seus edifícios, foi possível catalogar e identificar algumas peculiaridades dos seus tetos. O resultado foi a confirmação da pluralidade na adaptação aos diversos espaços, sejam eles de uso cerimonial ou cotidiano dos religiosos, e a complexidade na linguagem plástica adotada, com formatações poligonais dos painéis. No âmbito das temáticas, constatamos a existência de elementos vegetalistas com assimilação de plantas autóctones brasileiras e amplas representações de figuras sacras e hagiografias de natureza cristológica, mariana e franciscana. Tamanha diversidade técnica, plástica e temática se ajusta às necessidades da vida dos fiéis e dos religiosos que percorrem os espaços e interagem com as obras tanto enquanto objeto estrutural-artístico como simbólico-devocional e mnemônico. Observar essa interação ainda é um passo a ser dado, explorar as multiplicidades dos tetos em caixotões como parte desse conjunto patrimonial e compreendê-lo por suas qualidades individuais e pela sua relação com o as demais obras de arte que dividem os espaços dos conventos franciscanos nordestinos.

Bibliografia

BORRAMEO, Carlo. *Instrucciones de la fábrica y del ajuar eclesiástico*. CORIA, Bulmaro Reyes (Introducción, traducción y notas); GERLERO, Elena Isabel Estrada de (Nota preliminar). México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1985.

COELHO, Sara Almeida. *Gloria in Excelsis Deo: os tetos com pinturas de Santos em caixotões do século XVIII, nas igrejas paroquiais da Diocese de Viseu*. Porto: Universidade do Porto, 2021, 125p. Relatório de Estágio em História da Arte, Património e Cultura Visual.

CONCEIÇÃO, Apolinário da. *Claustro Franciscano, erecto no dominio da Coroa Portuguesa, e estabelecido sobre dezeseis Venerabilissimas Columnas*. Lisboa: Oficina de António Isidoro da Fonseca, 1740.

FRADE, Gabriel dos Santos. **Entre Renascimento e Barroco: os Fundamentos da Arquitetura Religiosa e a Contrarreforma - o *De Fabrica Ecclesiae* de Carlos Borromeu**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2016, 554p. Tese em Arquitetura e Urbanismo.

GONÇALVES, Ana Rita Duarte Carqueja Rodrigues. **As pinturas de tectos em caixotões no Norte de Portugal dos séculos XVII e XVIII**. Estudo técnico, material e de conservação. Porto: Universidade Católica Portuguesa, 2015, 620p. Tese em Conservação e Restauro de Bens Culturais, especialização – pintura.

JABOATÃO, Antônio de Santa Maria. **Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil**. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, 1858. vol. I-V.

PALLADIO, Andrea. *I quattro libri dell'architettura*. Veneza: Dominico de'Franceschi, 1570.

RODRIGUES, Francisco de Assis. **Diccionario Technico e Historico de Pintura, Escultura, Architettura e Gravura**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1875.

SANTOS, Rafael Brondani dos. **Martelo dos hereges: militarização e politização de Santo Antônio no Brasil Colonial**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2006, 160p. Dissertação de História.

SERLIO, Sebastiano. *Tutte l'Opere d'Architettura, et Prospectiva*. Veneza: Giacomo de'Franceschi, 1619.

VITRÚVIO, Marco. **Tratado de arquitetura**. MACIEL, Manuel Justino (Tradução, introdução e notas). São Paulo: Martins, 2007.